Novos postos viram 'mico' no Itamaraty

Governo tem dificuldade em preencher embaixadas abertas por Lula em países pobres, por falta de interesse

Ministério das Relações Exteriores afirma que política de expansão das representações foi bem-sucedida

FLÁVIA FOREQUE
DE BRASÍLIA

O aumento do total de embaixadas no governo Lula (2003-2010) esbarrou na falta de interesse dos diplomatas em atuar nesses postos.

Das 40 embaixadas abertas durante a gestão do petista, 35 contam com um corpo diplomático abaixo do previsto —a lotação ideal de cada representação é definida em portaria assinada pelo ministro das Relações Exteriores.

A falta de servidores é recorrente em postos na África, no Oriente Médio e no Caribe, classificados, em grande maioria, como C e D. Essas categorias, as piores, são definidas por critérios como grau de representatividade do posto e nível de vida no país.

Em Camarões, por exemplo, só há um diplomata lotado na embaixada brasileira: o chefe do posto, embaixador Orlando Galvêas.

Embaixadora em Acra, capital de Gana, Irene Vida Gala afirma que um dos motivos para a dificuldade em ocupar postos mais áridos é o pouco reconhecimento profissional.

"De um modo geral, ainda na atual geração, os funcionários mais destacados da estrutura do Itamaraty nunca passaram por esses postos, sobretudo na África. A mensagem é de que a África, ou postos menores e de sacrifício, não podem estar no currículo daqueles que esperam fazer uma bela carreira na Chancelaria", afirma. "Felizmente isso está mudando", avalia ela.

Acra esteve por duas vezes na lista de embaixadas oferecidas aos recém-formados.

Criada em 2007, essa relação prioriza os postos com "alta carência" de pessoal. Mas nem sempre essas vagas são preenchidas.

Muitos diplomatas preferem ficar mais tempo no Brasil até conseguirem postos mais tradicionais. Na última turma, só 11 dos 108 formandos aceitaram lugares como Iraque, Paquistão e Haiti.

O terceiro-secretário Michael Lawson foi um deles. Atualmente, ele é o único diplomata em Gaborone, capital de Botsuana. A expectativa é de que até setembro o posto tenha um embaixador.

Lawson afirma que aceitou a oferta por ter interesse em atuar na África. Ele cita ainda alguns benefícios.

Diplomatas em postos mais difíceis recebem uma remuneração maior, além de ter a possibilidade de pagamento integral de auxílio-aluguel.

"Existe uma defasagem entre discurso e prática", afirma um diplomata sobre a festejada expansão de postos.

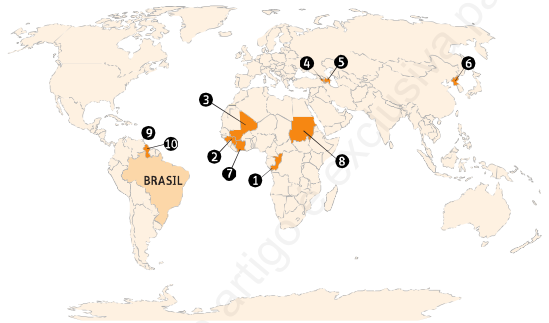
O Itamaraty rebate e defende que o aumento do número de embaixadas foi uma política bem-sucedida.

"A maior capilaridade da representação do Brasil no exterior, inclusive em áreas de grande importância nas quais tínhamos presença esparsa, tem ajudado na interlocução com os governos e contribuído para identificar novas oportunidades de negócios rapidamente", afirma o ministério por meio da assessoria de imprensa.

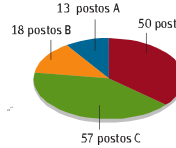
EMBAIXADAS QUE NINGUÉM QUER Itamaraty tem dificuldade para preencher postos

EXEMPLOS DE POSTOS (L) criada por Lula

País	1 Congo (L)	2 Guiné (L)	3 Mali (L)	4 Armênia (L)	5 Azerbaijão (L)	6 Coreia do Norte (L)	7 Costa do Marfim	8 Sudão (L)	9 Santa Lúcia (L)	10 Guiana
Capital	Brazzaville	Conacri	Bamaco	Terevan	Baku	Pyongyang	Yamoussoukro	Cartum	Castries	Georgetown
Lotação atual**	2	2	2	1	2	1	1	1	1	1
Lotação prevista	3	4	3	3	3	3	3	3	3	5
IDH*** de 2012	0,286	0,344	0,359	0,716	0,700	****	0,400	0,408	0,723	0,633



O Brasil possui hoje
138
embaixadas no exterior



Diplomatas
816 no exterior
759 no Brasil

* A lotação ideal dos postos é fixada em portaria assinado pelo ministro das Relações Exteriores ** dados de abril/2012 ***índice de Desenvolvimento Humano
****não há informação sobre o IDH do país. O maior IDH de 2011 é da Noruega (0,943). O do Brasil é (0,718)

Fonte: Itamaraty

"Conacri é uma imensa favela", diz embaixador

DE BRASÍLIA

"Conacri é uma imensa favela, pior do que as nossas."

É assim que o embaixador José Fiúza Neto define a capital da Guiné. Há quatro anos ele é o único diplomata brasileiro no país africano.

Até há pouco tempo, o diplomata acumulou a função de embaixador em Serra Leoa, hoje com sede própria.

"Não existe esgoto, o fornecimento de água é precaríssimo. Em algumas áreas da cidade mais habitadas por estrangeiros, esse fornecimento ocorre, mas em geral não existe. Até para escovar o dente você utiliza água mineral", relata o diplomata.

O cenário, entretanto, está longe de ser o retrato de todas as embaixadas na África.

O estigma e o desconhecimento da rotina em capitais africanas são apontados, na verdade, como outro fator para a falta de interesse dos diplomatas por esses postos.

A embaixadora brasileira em Gana lembra a estabilidade de política e os baixos índices de violência como bons indicadores do país.

"Viver em Acra não é um problema. A cidade é agradável, bem abastecida, com bom atendimento médico, elites profissionais e culturais interessantes", afirma Irene Vida Gala.

Segundo ela, os estereótipos de capitais africanas são realidades "já muito ultrapassadas". (FF)

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 ago. 2012, Primeiro Caderno, p. A20.